

Orquidário



Volume 12, nº2
abril a junho de 1998

OrquidaRIO, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

Diretoria - Biênio 1997/98:

Presidente: Carlos A.A. de Gouveia.

Vice-Presidente: Paulo Dámaso Peres.

Diretor da Área Técnica: Raul Sudré Filho.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Carlos Ivan da Silva Siqueira.

Diretor da Área Administrativo Financeira: José Lousada.

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Antônio Clarindo Rodrigues. Biblioteca: Maria Stella N. Borges.

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani. Eventos: Flávio Alvim Leite. Relações Comunitárias:

Marta Guglielmi. Sócios: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto. Tesouraria e Finanças: Rudolf

Zimmermann. Patrimônio: Evandro Silva.

Secretária da Diretoria: Nilce CARLOS.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2. Alvaro Pessôa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

4. Hans O. J. Frank, 1994/1996.

Conselho Deliberativo, 1997/98:

Presidente:

Membros: Alvaro Pessôa, Hans O. J. Frank, Hans Kunning, João Paulo de Souza Fontes e Raimundo A. E. Mesquita.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Alvaro Pessôa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita.

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 6.0, Word 6.0 e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o Editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de OrquidaRIO e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (c) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

PREÇOS/RATES			
	1 ano	2 anos	3 anos
Filiação e Contribuição anual	RS\$40	RS\$78	RS\$110
Overseas Subscription Rates	US\$40	US\$78	US\$110
Via aérea + acrescentar R\$15/ano - By Air Mail add US\$15 per year			

Toda a correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, Rua Visc. de Inhaúma 134/427, 20.091-000, Rio de Janeiro, RJ.

Tel./fax: (021) 233-2314



Revista trimestral publicada pela Orquidário

Volume 12 , nº 2, abril a junho de 1998.

ISSN0103-6750

Índice

Textos

	<u>Página</u>
Sobre Laelia, Francisco Miranda. Por Delfina Araujo.	34
Encyclias brasileiras - Parte I. Por Vitorino Paiva Castro Neto.	42
Pragas e Doenças nas Orquídeas - Parte I. Por Aaron J. Hicks.	51

ORQUIDÁRIO

Seções

Resposta ao questionário	Livro Tombo n.º 56
Pesquisa: O Brasil Orquidófilo	Obra n.º 58
Sementeira dos sócios	59

Neste Número

Bibliotecário

Comentamos a pesquisa sobre os interesses do leitor e iniciamos a publicação de artigo de Aaron J. Hicks, que está numa das linhas de temas desejados pelos sócios. Lançamos uma nova pesquisa sobre temas da maior importância, que é o de conhecer quem maneja orquídeas no Brasil. Iniciamos, também, a publicação de uma revisão do gênero *Encyclia*.

Créditos das Ilustrações

Páginas 34, 36 e 39, Sérgio Araújo; 40, Álvaro Pessoa; 43/50, Marcos Campacci; 52, 53 e 54, Raimundo Mesquita.

Capa

Esta não é época de floração de *Laelia lobata*, mas não podíamos deixar de, com ela registrar a magnífica entrevista colhida para sua Home Page, por Delfina de Araujo com Francisco Miranda, colocando na capa este belo exemplar desta planta, que ocorre aqui no Rio de Janeiro, cultivada por Delfina e fotografada pelo seu marido Sérgio Araújo.

dra, às orquídeas rupícolas, não às que vivem nas matas próximas ao Pão de Açúcar.

Você ainda encontrou muita *Laelia lobata* naquele habitat?

Não, apenas um único exemplar. Uma touceira relativamente grande, um espécime próximo ao topo mas que nós vimos florido uma única vez depois que o trabalho ficou pronto. O Pão de Açúcar não é o habitat principal dela. Ela existe em todas as pedras próximas ao mar, no Rio de Janeiro, pois tem potencial para ocorrer nestes lugares. Já encontrei na Pedra Bonita, perto do Centro de Botânica, perto da Estrada da Vista Chinesa. Em todas aquelas pedras tem, inclusive no morro do Alto Mourão, lá em Niterói, perto de Itaipú. Era uma planta bastante comum e, que eu saiba, foi bastante coletada. O seu centro de distribuição é na Pedra da Gávea, onde existe mais *Laelia lobata*, aos milhões, só que o paredão é vertical, de difícil acesso. Que eu saiba, é uma espécie restrita ao estado do Rio de Janeiro, numa extensão de 30 km que vai da Pedra da Gávea ao Alto-Mourão, em Niterói.

E o trabalho que você vem fazendo sobre as *Laelias*?

Eu venho trabalhando na revisão das *Laelias* brasileiras desde 1982, com visitas aos habitats nos últimos quinze anos, apenas interrompidas durante o período em que morei na Amazônia, de 1983 a 1985.

Ele está quase pronto e estou procurando juntar o máximo de informações sobre os habitats, variação genética e informações de cultivo. Estou tentando fazê-lo o mais completo possível. O livro está bem embasado e me interessa que se torne um livro de referência. Tem também algumas mudanças nomenclaturais. Se alguém precisar da descrição de uma espécie, encontra lá.

A expectativa é muito grande em torno da publicação do livro. Quando você pretende publicá-lo?

O texto está todo pronto e se eu realmente me concentrasse nisto agora, em 1 ou 2 meses, eu terminaria. A idéia inicial era publicá-lo durante a Conferência Mundial mas, na verdade foi até bom que não tenha saído, pois eu deixaria de incluir ilustrações de mais duas ou três espécies. Estou tendo a chance de fotografar mais algumas espécies em flor e outras só no ano que vem. Se eu tivesse publicado logo, estas fotos teriam que ficar para uma segunda edição.

Quanto ao editor, ainda não está muito certo, tenho propostas que estou examinando com muito cuidado.

O seu livro é fruto de um longo trabalho de 15 anos. Ele será o livro definitivo das *Laelias*?

Pode se dizer que sejam 15 anos de trabalho, embora não em tempo integral. Espero que seja definitivo até que apareça outro, mas a verdade é que muitos habitats têm sido destruídos de tal forma que vai ser difícil colher mais informações sobre eles do que eu tentei fazer ao longo destes anos todos.

Nesses últimos tempos houve uma aceleração muito grande na destruição de habitats?

Quando eu fui em 1982, por exemplo, a uma área de mineração, o campo rupestre estava perfeito. Em 1985, o que havia era um buraco. Agora doze anos depois, não deve ter nem um buraco, deve estar um corte de montanha.

E as mudanças na nomenclatura que você citou?

Quando se faz uma revisão, você é obrigado a checar os tipos e verificar o nome que deve ser dado àquela planta tipo. Desde as descrições originais, nos trabalhos que têm sido feito sobre *Laelia*, os tipos não têm sido checados

direito, quaisquer erros porventura existentes naquelas descrições, continuaram sendo repetidos até os dias de hoje. Num trabalho de revisão, você é obrigado a fazer o dever de casa que é checar todos os tipos. Ao fazermos isto, nós chegamos à conclusão de que algumas espécies estavam sendo nomeadas erroneamente, então tivemos que fazer a correção e pelo menos uma das espécies é bastante conhecida.

Eu não faço com nenhum prazer esta mudança de nomes mas este é um trabalho que realmente precisa ser feito direito e eu já tenho tudo isto pronto.

Estas mudanças, uma vez feitas, passam a ser oficiais? As organizações vão reconhecer esta nova nomenclatura?

A taxonomia não é uma ciência exata, então se eu estudo *Laeliae* digo uma coisa, outros que também estudam, chegam a uma outra conclusão e se os dois trabalhos são publicados, eles vão ser julgados, vamos dizer assim, pelos botânicos que seguirão e dependendo da argumentação colocada, um será aceito em detrimento do outro.

Não existe nada oficial. O que existe de oficial sobre classificação são os nomes conservados. O Comitê de Taxonomia se reúne e mantém tais e tais nomes que são propostas oficiais de tais pessoas. Com relação aos nomes que não são conservados, a opi-

nião aceita é a mais bem embasada e estou tentando embasar bastante meus conceitos, de forma que não possam vir a ser contestados.

Estas mudanças vão ser feitas no livro? Quais são estas espécies?

Algumas destas mudanças nomenclaturais já fiz na Bradea, outras vão ser feitas no livro, que será documentado com muito fotografia e terá uma distribuição mais ampla. Por exemplo, *Laelia flava* não é um bom nome, mas não vou ficar dando os detalhes todos do procedimento para se mudar este nome, visto que já está na Bradea e estará no livro, bem explicado. *Laelia lucasiana* também não é um bom nome, é um sinônimo também. A própria *Laelia rupestris* que passou a chamar *Laelia crispata*, volta ao sta-



Laelia mulleri

Sérgio Arango

tus de *rupestris*, porque houve uma interpretação errônea do *Cymbidium*

crispatum que deu origem ao nome. Estas 3 são as mais conhecidas, existem outras que estarão no livro. Existem problemas com outras, cujo tipo não correspondem e como o que vale é o tipo e não o que os colecionadores falam... Têm mais algumas plantas de que já se tem convicção de que são espécies diferentes mas que não foram descritas, que precisam ser separadas e descritas.

Este trabalho cobrirá todas as espécies de *Laelia*?

No Brasil sim, mas não mexi com as mexicanas. Eu encontrei quase todas elas no habitat, com exceção de quatro espécies. *Laelia fidelensis* é uma que não encontrei o habitat. Das rupícolas, não encontrei duas no habitat, a *Laelia blumenscheinii* e a *Laelia macro-bulbosa* e também a *Laelia brevicaulis* na Bahia, uma espécie muito próxima da *Laelia harpophylla*. Fora estas quatro, acho que encontrei todas as outras.

Com exceção da *Laelia fidelensis*, que é um caso a parte, a que você atribuiria não ter encontrado estas 4 espécies no habitat? Elas já estariam extintas?

Extintas não. O problema é saber a área exata. Estou há anos atrás de *Laelia cardini* e *L. gracilis*. Todas as vezes me dizem que ocorrem na Serra do Cipó, eu já passei a 100 metros de distância do habitat na época da floração da *L. gracilis* e não achei. Algumas tem uma área de distribuição muito ampla, outras muito restrita. Você tem que ter referências exatas de onde a planta ocorre. Se você pensar numa área de montanha, nem com 10 vidas você consegue andar nela toda. Mui-

tas eu encontrei por acaso, muitas por referência, outras eu tive que levar o coletor para me mostrar onde era, as que eu não achei, nem o coletor sabia onde era ou então os coletores foram outros.

Então não há nada registrado em termos de habitat?

Claro! Há a localidade-tipo do material que você examina mas o material tem na memória e diz que há 10 anos atrás encontrou a planta naquele determinado lugar. Se você der azar e não encontrar a planta naquele local, você não acha em lugar nenhum.

Eles não criam uma certa dificuldade para mostrar o habitat?

Exatamente. Tem que se ir com jeito, ter um bom relacionamento com eles, explicar que não vamos pegar planta, que só queremos fotografar, estudar. Normalmente isto facilita muito as coisas.

Outras plantas foram encontradas por pessoas que já morreram. Estas você vai precisar de um pouco de sorte para encontrá-las.

O que você acha da polêmica em torno da *Laelia fidelensis*?

A planta existe e quem encontrou esta planta deve ter trazido daquela região mas é uma área muito vasta. Sem dúvida é uma espécie, quanto a isto não tem problema nenhum e certamente brasileira, pois não existe em outro lugar. Não tenho dúvidas quanto a ser uma boa espécie. Eu tenho dúvidas se ela é realmente de São Fidelis, mas isto vai ficar para outro esclarecer. Tentei encontrar, fui umas três vezes nos locais em que me informaram que havia e não achei. As localizações eram provavelmente erradas.

Quais são os principais habitats de

Laelia que você tem visitado para fazer este trabalho?

A região de matas costeiras, no sul do país, onde é o habitat de *Laelia purpurata*. O Rio de Janeiro e o Espírito Santo que são habitats de quase todas as outras *Laelias* de flores grandes. O sul do Bahia, habitat da *Laelia grandis* e principalmente os campos rupestres que são habitats de quase todas as *Laelias* rupícolas em Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. O Rio de Janeiro também tem alguma coisa de *Laelia cinnabarina*, na Pedra da Gávea, sempre em área de afloramento rochoso onde estas espécies ocorrem com maior frequência.

Você poderia falar um pouco sobre estes habitats?

No Rio de Janeiro, os afloramentos rochosos que fazem parte da Serra da Mantiqueira. A segunda linha de montanhas próximas ao mar, não, são áreas onde a umidade é alta o ano inteiro. Estas *Laelias* gostam muito de alternância de período de umidade e período de seca. À medida que você vai mais para o interior, para Minas, você passa a Serra da Mantiqueira, onde você encontra pouca coisa, depois vem a região de Belo Horizonte indo até Serra da Piedade e Serra do Caraça que ficam a 100 km de lá, uma área de montanhas que tem forte concentração de minério de ferro. Isto começa indo pela estrada do Rio para Belo Horizonte, na Serra do Ouro Branco, Congonhas e Serra da Moeda, quer dizer é uma área de 150 km de diâmetro, de serras altas na faixa dos 1000, 1500, 1700 m e é onde grande parte destas espécies ocorrem. Esta área central, perto de Belo Horizonte, é o centro de distribuição das espécies com flores roxas, tem umas 10, mas isto não quer dizer que todas elas sejam desta cor. Tem a *Laelia flava* que tem flores amarelas, tem a *Laelia milleri* com flores verme-

lhas, mas a maior parte delas tem flores roxas. Depois, existe outro centro de dispersão de espécies de *Laelias* rupícolas, nos arredores de Diamantina. É o centro de dispersão das espécies com folhas amarelas, tem 4 ou 5 espécies, mas em compensação lá tem *Laelia rupestris* que tem flor roxa, *Laelia angereri* que tem cor de abóbora. Indo para a Bahia, tem a Serra do Sincorá, com período de seca bem longo, onde nós só temos duas espécies de *Laelia* rupícola. Tem a *Laelia sincorana*, que é uma das espécies de flores grandes que pode viver como rupícola e principalmente em cima de *Vellozia*. Nesta serra, nós temos basicamente 3 espécies, o que não dá para falar em termos de dispersão. Tem planta com flor roxa, amarela. Para localizar esta serra, que fica no centro do estado, você traça um X sobre o mapa da Bahia e é exatamente no meio dele que ela se encontra. Basicamente é isto. A *Laelia* não ocorre no nordeste, com exceção da Bahia, não ocorre na Amazônia e nem na região central do Brasil, com exceção da *Laelia lundii*, que ocorre até os arredores de Brasília, na descida, nas matas ciliares dos rios voltados para Minas Gerais. Na verdade, ela vai um pouquinho para dentro de Goiás mas ela não é uma espécie típica da região. São plantas típicas da região sul e sudeste. Todas elas precisam, como já disse, de um pouco de alternância de seca e umidade, algumas que vivem próximas à costa, na Mata Atlântica, são plantas mais adaptadas à umidade mais constante durante o ano inteiro. Não existe um período seco muito característico na costa do Rio de Janeiro e de Santa Catarina, por exemplo.

As *Laelias* rupícolas precisam de altitude, de frio, de luminosidade?

Não necessariamente altitude e frio mas luminosidade sim. Veja bem,



Sérgio Araújo

Laelia lucasiana, denominação não aceita pelo entrevistado.

a *Laelia cinnabarina* ocorre na Pedra da Gávea, a *Laelia gloedeniana* ocorre no litoral do Espírito Santo, eu tirei uma fotografia muito interessante com a *Laelia* em flor e o mar lá embaixo, numa faixa de 150 m de altitude, quer dizer muito próxima ao mar onde a umidade é muito alta. As *Laelias* rupícolas, nos arredores de Belo Horizonte, realmente vivem em localidades um pouco mais frias, numa faixa de 1.100 m. até 1.500 e a *Laelia kettianavai* até 2000 m na Serra do Caraça, que é o ponto mais alto daqueles arredores.

Quando você vai para Diamantina, por exemplo, a *Laelia briegei* vive em bolsões, em altitudes em torno de 800m, onde é bastante quente, o que quer dizer que é uma planta que gosta mais de calor.

Mas com as noites frias?

Noites fresquinhas, não são tão frias assim. Tem certas épocas no ano, no inverno claro que esfria de noite mas no verão é bem quentinho, mesmo à noite. O sol é realmente muito forte. É extremamente quente durante o dia.

E a qual é o habitat da *Laelia purpurata*?

Ela tem seu principal habitat no estado de Santa Catarina onde ocorre

no litoral quase todo, sendo abundante na ilha de Santa Catarina. Ela aparece no norte do Rio Grande do Sul mas não vai até o Banhado de Taim, sendo abundante na região de Torres, de Osório, nas dunas, a 100 km de Porto Alegre. Não aparece no Paraná, por algum motivo qualquer. Tem aquele recôncavo, deve ser um problema de distribuição de semente. Pode ser que na época que dá semente, não haja vento, tem algum motivo só que não descobrimos qual. Ela reaparece em Santos, Ubatuba, Caraguatatuba e vai até o norte do estado. Embora o habitat mais próximo do Rio de Janeiro que se tenha notícia seja pertinho da divisa (Pissinguaba) dos dois estados, ela não chega a ocorrer aqui.

Em termos de habitats, o que você encontrou de mais destruído?

As regiões próximas à Belo Horizonte têm sido bastante destruídas pela mineração. Nos arredores de Diamantina, não, a região está mais ou menos intacta, não se nota grande impacto.

O grande predador tem sido a mineração e não a coleta?

A mineração sim, mas a coleta não. Hoje em dia não existe tanta pressão por coleta destas plantas pois os indivíduos de melhor qualidade têm sido reproduzidos artificialmente. Não faz mais nenhum sentido você ir lá e retirar 1.000 plantas. Tem plantas que existem aos milhares mas, por outro lado, outras têm um habitat muito restrito. Até o ano passado, retrasado, a *Laelia milleri* era vendida, em flor, à beira da estrada, em Belo Horizonte. Nós encontramos o habitat de onde estavam coletando as plantas, mas ele está sendo destruído pela mineração. Se não se coletar as plantas, a mineração acaba destruindo do mesmo jeito, estão cortando o morro todo.

É meio difícil dizer se a coleta é que está realmente destruindo as plantas. Neste caso específico estaria até sendo útil, mas não em outros casos como a *Laelia jongheana* que está sendo retirada de uma área que não é ameaçada, onde não está havendo nenhuma mineração, nada. A notícia que tenho é que foram retirados mais de 30.000 exemplares do habitat e é ilegal tirar plantas da natureza. Estive antes lá desta retirada e ainda não retornei. Não sei dizer que tipo de impacto isto teve no habitat. Quando estive lá, encontrei muita *Laelia jongheana*. Muito é um conceito subjetivo, mas ao se retirar 30.000, é muito mesmo e é preciso ver em que isto afetou a população local. Vou fazer uma força para voltar o ano que vem, na época de floração, quando realmente dá para se ver e verificar o que sobrou lá, se realmente dá para perceber esta retirada.

E a *Laelia jongheana* é uma das espécies mais ameaçadas. Qual é o seu habitat?

É uma coisa engraçada, muitas pessoas pensam que ela só ocorre no Pico de Itambé, em Minas, mas a localidade tipo é na Serra do Caraça. Hoje em dia não se encontra mais lá talvez até porque não se procure direito em virtude de ser uma área bem vasta. Até agora era considerada como endêmica de um local de Minas, mas foi encontrada agora no Espírito Santo, o que prova que ela tem uma distribuição mais ampla do que se pensava.

Ela não tem nenhuma mobilidade

natural?

Normalmente estas plantas estão basicamente bem adaptadas ao habitat, não há mobilidade alguma, as populações não estão em expansão ou em declínio que se possa notar. A maior parte das espécies está bem adaptada ao local onde elas existem e ocorrem em grande quantidade com exceção da *Laelia cardi-mii*, outra que en-

contramos na serra do Cipó que é uma espécie bastante rara. Mesmo onde ela ocorre, é muito difícil. Você tem que tomar muito cuidado para poder voltar do habitat e contar a história. É uma pirâmide de tal forma que se você não tomar cuidado, vai lá para baixo.

E a Bahia, também é muito desmatada? A cultura do ca-

cau é responsável pela destruição dos habitats?

O sul da Bahia é uma região muito desmatada para retirada de madeira, mas a cultura cacaueteira preserva muito, pois os pés de cacau precisam da sombra da mata. Por esta razão, eles mantêm as árvores grandes para o sombreamento e quando se olha de longe, parece quase uma mata natural, aquelas árvores enormes, cheias de epífitas mas as árvores de pequeno porte são substituídas pelo cacau. Provavelmente é a cultura que menos provoca destruição. Em cima dos pés de cacau tem *Cattleya leopoldii* e *amethystoglossa*. Quando você vai um pouco mais para o interior, em área de matas mais secas, elas são completamente derrubadas para a retirada de



Laelia tenebrosa. Notem que uma das flores foi polinizada e já está virando fruto, logo abaixo da sépala esquerda.

Foto: cultivo, Itambé/Pessôa

madeira. Eu tenho foto disto e mostro sempre. Na Serra do Sincorá, houve grande pressão de retirada de *Laelia sincorana*, que foi feita aos milhares logo que ela foi redescoberta mas ainda tem muitas por lá. É uma espécie muito comum na região. O maior problema que está havendo são os incêndios na mata pois ela dá no chão ou em cima de *Vellozia* e como é tudo muito seco, no inverno eles ateião fogo e queimam áreas enormes e a quantidade de plantas que se perde é enorme também.

E o que está acontecendo nos habitats do Rio?

Grande parte das espécies vive na chamada Mata Atlântica. No Estado do Rio, existe, no máximo, 6% ou 7% da mata original e isto porque a região de Parati ainda está mais ou menos intacta. Se você pegar do Rio de Janeiro para o norte do Estado, você não tem nada. Só sobrou o morro da Velha Joana, mas a parte sul do estado, que é também habitat da *Laelia crispa*, está um pouco mais preservada.

Mas se olharmos em torno de Angra de Reis a situação muda. Não se faz nenhum estudo de impacto ambiental?

A região da baixada tem sido completamente derrubada para loteamento. Aquela área de solo arenoso era lotada de orquídeas, *Laelia* ali é o de menos, é o resto todo que está sendo derrubado. Eu não sei de nenhum projeto de loteamento que tenha feito estudo do impacto ambiental antes de ser realizado.

E o Espírito Santo?

A cobertura vegetal do estado do Espírito Santo está reduzida a 4% do original e esta destruição é devida à agricultura. É simplesmente a ocupação do território. As pessoas pensam que as matas de grande porte ocorrem em solo muito rico mas não é verdade, o solo é muito pobre. Depois que a

mata é retirada, o solo dura um ou dois anos. Então o pessoal tira a mata agora e quando acabar, vai-se derrubar outra mata. É o conceito que a mata não acaba.

Como aconteceu no Rio e em São Paulo com as plantações de café.

É verdade, você olha isto aqui (apontando o Parque Nacional de Itatiaia) e diz que não vai acabar nunca, mas se começar a tirar, tratar com descaso, vai tudo embora rapidamente. Sempre me lembro de um conhecido meu que era piloto na Amazônia e dizia que não tinha problema desmatar pois ele olhava para o horizonte e só via mata e eu sempre respondia que ele tinha mais é que voar 3, 4 horas para se ter a idéia de que a mata ainda existe. Se você voa 10 minutos e já sai dela, é porque ela já acabou, não tem mais nada.

Voltando ao estado do Espírito Santo, ele está muito destruído, principalmente a região central e este é um problema muito sério para a *Laelia perrinii*, para a *Laelia xanthina* e para algumas outras espécies de *Cattleyas* como a *schilleriana*.

São espécies que estão sendo bastante cultivadas artificialmente, quer dizer a espécie não vai se perder, pode ser até que se perca o habitat. Mas a planta cultivada artificialmente não vai criar uma modificação na mutação e na evolução desta espécie, a longo prazo?

Você quando faz a propagação artificial de uma planta, você está procurando melhorar em algum aspecto. Ou uma planta que dê mais flores ou flores mais redondas. Ao cabo de alguns anos, você terá a espécie, mas será, digamos assim, modificada, dirigida para o que se quer, a carga genética original da espécie estará bastante modificada. Quem tem obrigação de manter, preservar a espécie como ela é, são os botânicos, o IBA-

MA, os institutos de pesquisa. O comerciante não tem nenhuma obrigação de fazer isto. Ele vai fazer isto para ter um retorno.

Não há como localizar alguém que seja responsável por essa preservação e cobrar isto?

Ninguém vai ser responsável por isto. O estado vai dizer que é a prefeitura, a prefeitura vai dizer que é o Governo Federal e ninguém preserva nada pois não tem fiscalização. Só tem fiscalização se você coletar material botânico. Pode ser até preso, mas as madeiras continuam derrubando, tirando e não acontece nada.

Este seu trabalho de levantamento é, sem dúvida alguma, de grande importância. Você conseguiu algum financiamento de alguma organização? Ou é tudo feito por sua conta? Você não tem nenhuma espécie de subsídio para realizá-lo?

Não, por isto a idéia é fazer os livros para conseguir pagar um pouco da minha despesa, mas eu também faço porque eu gosto. Se eu estivesse ligado a alguma instituição científica talvez tivesse alguma facilidade para um

financiamento, eu poderia fazer um projeto como eu já vi alguns sendo feitos que incluiria viagens, publicação de relatórios mas, no esquema de vida que tenho hoje dia, não dá para incluir uma coisa deste tipo. Eu me dedico a este trabalho nas horas vagas, que já não são muitas, mas, em compensação, eu tenho uma flexibilidade total. Se eu resolver ir para a Serra do Cipó amanhã e eu tiver tempo e se for uma prioridade para mim, eu vou. Se eu estiver atrelado a um projeto, eu teria de ir de acordo com um cronograma de viagens a cumprir, teria que justificar porque estaria querendo fazer estas viagens numa determinada época do ano. Teria muito dificuldade de seguir um cronograma. Se eu fosse um bolsista ou um coordenador de algum projeto, não teria outra escolha. Eu poderia até tentar conseguir um financiamento para fazer este tipo de trabalho mas, como eu disse, isto me tiraria muito da minha flexibilidade de tempo. Há 10 anos atrás, eu faria isto de bom grado mas hoje em dia não tenho condições.

Inclua na sua Agenda para setembro uma
visita ao Rio

para participar e assistir da 12^a.
Exposição de Primavera da OrquideaRIO.



de 10 a 13 de setembro.
No Nova América Outlet Shopping

Av Automovel Clube 126, Del Castilho
Acesso pela Linha Amarela, vindo da Barra, saída 5, da Av. Brasil, saída 7.

(SEÇÃO ENCYCLIA) CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ENCYCLIAS BRASILEIRAS

Vitorino Paiva Castro Neto (*)

Parte I

Abstract

In the present paper, the problem of *Encyclia* species identification section on the the genus *Encyclia*, subgenus *Encyclia* (1) is discussed. Climatic and vegetative aspects is presented to advise people how to consider in the species identification. The so far proposed names in the *Encyclia* species are discussed, some of them are put as synonymous, some are discussed and a identical species is presented, a further "holotypus" analysis, if it is possible, is recommended. A final check list of Brazilian *Encyclia* species, section *Encyclia*, subspecies *Encyclia* is presented.

ENCYCLIA É UM GÊNERO QUE COMPORTA uma grande quantidade de espécies e como existem, dentro desta extensa gama de espécies, algumas características em comum para um grupo delas, foi proposta a subdivisão em subgêneros e seções (1) cujas características não entrarei em detalhes, lembrando somente que como proposto em (1) a subdivisão em subgênero *Osmophytum* e o subgênero *Encyclia* no caso dos subgêneros, e no caso da subdivisão do subgênero *Encyclia*, a seção *Encyclia*.

O presente trabalho nortear-se-á, inicialmente, sobre quais aspectos devemos considerar para que possamos afirmar, no caso das *Encyclias*, que estamos diante de uma espécie considerada válida. Tal tarefa não é fácil, por se tratar de um gênero de certo modo pouco difundido entre os orquidófilos,

grande variabilidade floral de algumas espécies e pouco estudado sobre este argumento.

Posso dizer, depois de mais de 10 anos de observação na natureza e em cultivo, alguma coisa que possa contribuir para a classificação correta em relação aos nomes propostos, os fatores que se devem considerar na identificação de uma espécie e a identificação propriamente dita em função da literatura existente.

Na parte subsequente, discutirei os vários nomes das espécies propostas, subdividindo em duas partes, os nomes propostos por G. Pabst (2) e as novas descrições de *Encyclia* que surgiram a partir desta data.

Muitos dos nomes atualmente existentes serão sinonimizados, lembrando que não pretendo considerar questão fechada, porém as conclusões serão fundamentadas por elementos conclusivos. Esta situação não pode permanecer do modo em que atualmente se encontra, e alguma luz tem que ser colocada a fim de que se elimine a confusão existente, podendo, no futuro, servir como elementos de base para conclusões.

Todo este desacerto remonta a época em que o interesse botânico pelas orquídeas começou no século passado. Muitas das plantas descritas eram provenientes de colecionadores particulares que, muitas vezes, possuíam um único exemplar. As descrições; portanto, já padeciam inicialmente de informações de uma media populacional, acrescido ao fato de que não floresciam em suas condições adequadas. Encontram-se

descrições com desenhos feitos sobre flores deformadas florindo em um único pseudobulbo. Muitas das descrições do século passado eram pobres em detalhes, talvez porque não visualizassem a importância, impossibilitando uma adequada diagnose. A presença de desenhos se tornou de grande valia na falta de uma descrição adequada ou quando se perdeu o "typus", porém alguns desses desenhos são imprecisos, não fornecendo o adequado contributo.

A diagnose das espécies se tornou mais fácil com o advento das comunicações e da informática, situação esta inexistente a mais de 50 anos atrás.

Um alerta para os estudiosos que desejem descrever novas espécies, são as seguintes:

- Tentar ter um lote representativo da espécie a ser descrita, de modo a poder visualizar o grau de variabilidade desta;

- Saber sobre a região de onde provém a espécie;

- Conhecer outras espécies do gênero já descritas para a região em questão;

- Tentar não descrever espécie nova de um único exemplar;

- Cuidado para espécies novas de uma mesma região, hibridariam deixando ser espécie;

- Uma boa espécie deve ser em 80% diagnosticada só com a procedência e aparte vegetativa, sem a análise das flores.

PRINCIPAIS ASPECTOS A CONSIDERAR NO CONCEITO DE UMA ESPÉCIE

- Aspectos climáticos

Sob este subtítulo, estou considerando a influência da latitude, regime de chuvas (umidade), influência de altitude, bacias hidrográficas, proximidade marítima, etc.

É preciso estar atento, pois algumas espécies tem uma área de dispersão bastante grande enquanto outras são endêmicas de

uma determinada região. As bacias hidrográficas representam vias de transporte e penetração de várias espécies, contribuindo sobremaneira na dispersão destas. Algumas são, preferencialmente, de altitude, associando-se mais ou menos a umidade. Outras são, preferencialmente, rupícolas, necessitando de alto índice de iluminação. Outro ponto muito importante, a considerar, é o período de floração que em muitos casos facilita muito a identificação. De posse desses elementos mais a procedência, podemos, numa primeira diagnose, afirmar que tal exemplar deve corresponder a tal espécie.

- Aspectos vegetativos

Porte da planta, com esta característica vegetativa, quero ressaltar o tamanho da planta, se esta é de porte pequeno ou grande, sempre sobre o sentido relativo, isto é, umas em relação as outras. É claro que uma planta que ainda não se desenvolveu o suficiente não pode ser tomada como base.

Haste floral, neste aspecto vegetativo, devemos observar: a forma da haste; como as flores se situam na haste em relação as folhas, antes ou depois destas; o comprimento da haste em relação ao comprimento das folhas; se esta tem característica racemosa ou paniculada; se as flores são espaçadas ou aglomeradas ao longo da haste.

pseudobulbos, que forma possuem, se são cônicos, achatados ou alongados, se são separados ou agregados, a cor, etc.

folhas, qual o comprimento máximo, a largura, a quantidade de folhas por pseudobulbos, forma, textura, etc.

Odor, algumas Encyclias são bastante perfumadas, outras pouco, a maioria das espécies odoríferas apresentam um período do dia em que o perfume é mais intenso.

O reconhecimento da espécie completa-se através do exame detalhado dos componentes florais, comparando-se com os desenhos das descrições originais, embora já seja possível diagnosticar a espécie com os aspectos supracitados. O detalhamento, na

discussão de cada espécie, em continuação do presente trabalho, facilitará o reconhecimento das espécies.

ENCYCLIAS DESCRITAS ATÉ O PERÍODO PABST

Encyclia acuta Schltr., sinonímia de *Enc. chloroleuca* (Hook.) Neumann

Encyclia advena (Reichb. f.) Porto & Brade . Trata-se *Enc.* de flor grande, como descrita cerca $\frac{3}{4}$ em tamanho da *Enc. cordigera*, lobo mediano quadrática com extremidade bilobulada, pétalas e sépalas amarelas com venulações aparentes e castanhas. Há necessidade de maiores informações, pois a descrição não fornece dimensões nem muitas informações, Talvez *Enc. megalantha*? Segundo Fowlie & Duveen (3) se trata provavelmente de *Enc. Osmantha*, interpretada por meio de um desenho feito 11 anos depois de publicado na "Day collection of Kew".

Encyclia albopurpurea (Barb. Rodr.) Porto & Brade . Outra *Enc.* que não se pode definir com precisão, pois não se tem nem tipo nem desenho. O autor diz que se trata de flor grande com pétalas e sépalas amarelo-castanho, labelo bem amplo branco com estrias purpúreas, a este floral é três vezes o tamanho da planta. Espécie coletada em Uricurytyba, Rio Tapajós, Pará.

Encyclia amicta (Linden & Rchb. f.) Schltr. , Planta de área de dispersão muito grande, sendo encontrada desde a região de Misiones na Argentina até a Venezuela.

Devido a sua grande dispersão e variação em forma vegetativa e flor, tem sido comumente redescrita, porém as características vegetativas (folhas delgadas, porte relativamente pequeno) e labelo branco com forma retangular dos lobos medianos e a ausência de asa na coluna são alguns dos elementos fáceis de se reconhecerem. Tem sido considerado uma subespécie, *Enc. conchaechila* (Barb. Rodr), cujas pétalas e sépalas são castanho escuro e a flor é um

pouco menor e mais arredondada, porém para mim não se constitui elemento suficiente para ser considerada como uma subespécie.

Através da relação de sinonímias, esta espécie será facilmente identificada.

Sinonímias:

Encyclia bicornuta brade

Encyclia linearifolioides (Krzl.)

Hoehne

Encyclia conchaechila (Barb. Rodr.)

Porto & Brade

Encyclia microxanthina Fowlie

Encyclia argentinensis (Spieg.) Hoehne.

Outra *Enc.* causa de grande confusão, com ampla área de dispersão e variação dos componentes floral muito grande. Quis o destino que esta espécie fosse descrita inicialmente como da região de misiones (Argentina), correspondente a região limite ao sul onde ainda pode ser encontrada, no entanto o centro de dispersão é a região sul de Goiás no Brasil. Para se ter uma idéia do grau de variabilidade, Primão (2) publicou 17 espécies, considerando-as corretamente como ocorrências, pois todas são variações de *Enc. argentinensis*, este é um exemplo importante para mostrar a variabilidade desta espécie. A área de dispersão se estende por toda a bacia Paraná - Paraguai, entrando no Estado do Espírito Santo. O orquidário Binot possui alguns exemplares retirados de um lote de *Enc. osmantha* coletadas no sul de Minas Gerais, divisa com o Estado do Rio, deste lote saíram alguns exemplares do híbrido entre *Enc. argentinensis* e *Enc. Osmantha*. Vegetativamente, pode dizer-se que em geral a *Enc. argentinensis* apresenta-se como planta robusta, folhas longas, haste floral o dobro ou o triplo do tamanho das folhas, com flores relativamente grandes e espaçadas, os pseudobulbos e folhas, frequentemente, se apresentam com coloração vinho. Gostaria de ressaltar que não devemos, em princípio, fazer descrição de um único exemplar, e duvidar de várias espécies em uma mesma região, pois hibridariam entre si, salvo se

forem realmente muito diferentes e florirem em períodos bem distintos.

Sinonímia:

Encyclia saltense Hoehne
Encyclia burle-marxii Pabst
Encyclia gonzalezii L. C. Men.
Encyclia goyazensis L. C. Men.
Encyclia schmidtii L. C. Men.
Encyclia piracanjubense L. C. Men.
Encyclia perazolliana Gonzalez
Encyclia meneziana Gonzalez
Encyclia confusa L. C. Men.
Encyclia andrichii L. C. Men.
Encyclia pedra-azulensis L. C. Men.
Encyclia bracteata (Barb. Rodr.) Schltr.

Planta pequena, uniflora, da região do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Como se trata de uma espécie bem caracterizada, esta não necessita de maiores esclarecimentos.

Sinonímia:

Epidendrum pusillum Rolfe.

Encyclia chloroleuca (Hook.) Neumann. Embora não esteja na relação das *Encyclias* da "Orchidaceae Brasilienses" Pabst, este é o nome que tem precedência na nomenclatura desta espécie. É uma espécie amplamente difundida por toda região Amazônica, norte do cerrado brasileiro e nordeste do Brasil. Planta geralmente de porte pequeno, porém tenho recebido alguns exemplares de porte bem robusto, folhas de comprimento mediano e de largura média, haste floral não muito longa, flores geralmente pequenas entre as do gênero, em geral verdes ou as vezes castanho amareladas. Devido ter área de dispersão muito grande e variar muito em porte e tamanho das flores, tem sido frequentemente redescrita.

Sinonímia:

Encyclia acuta Schltr.
Encyclia thienii Dodson
Encyclia viridiflava L. C. Men.
Encyclia dichroma (Lindl.) Schltr.

Outra Enc. bem identificada, sem necessidade de ulterior explicação, encontrada na parte litorânea do Estado da Bahia.

Sinonímia:

Epidendrum guesnelianum hort.

Epidendrum roseum Fr. Ger.

Epidendrum conspicuum Lem.

Epidendrum amabile Godefr.

Epidendrum biflorum Barb. Rodr.

Encyclia doeringii Hoehne. Trata-se de espécie já sinonimizada como Enc. cordigera (H.B.K.) Dressler

Encyclia dutrai Pabst. Nada mais é do que a Enc. pauciflora (Barb. Rodr.) Porto & Brade.

Encyclia ensiformis (Ruiz e Pavón) Mansf. Devido a um problema de nomenclatura, foi renomeada como *Encyclia cyperifolia* (C. Schweinf.) Carnevali & I. Ramírez. Trata-se de espécie dos países andinos como Bolívia, Peru e Equador. No Brasil é encontrada nos Estados de Mato Grosso, Rondônia e Acre. A espécie é facilmente reconhecível pelas folhas extremamente finas e longas, a planta é relativamente pequena e a haste floral não muito longa.

Encyclia euosma (Reichb. f.) Porto & Brade. Espécie encontrada na Serra do Mar no Estado de S. Paulo e na Serra dos Órgãos, planta de porte pequeno, pétalas e sépalas verde-amareladas, labelo amarelo crespo na borda e com venulações purpúreas no lobo mediano.

Sinonímia:

Encyclia flabellifera Hoehne & Schltr.

Encyclia flabellifera Hoehne & Schltr.

Como dito acima, trata-se de sinonímia que me foi possível tomar conhecimento, porque recebi alguns "slides" de desenhos do "typus" do Herbário de Kew. Com este fato, quero alertar o quanto é delicado a descrição de uma nova espécie, principalmente no gênero *Encyclia*.

Encyclia gallopavina (Reichb.f.) Porto & Brade. Espécie encontrada principalmente no Estado do Espírito Santo, de cor marrom, lobo mediano do labelo púrpura com margem branca. Uma característica importante é que o lobo mediano do labelo é pequeno em relação aos lobos laterais.

Sinonímia;

Encyclia purpurachila (Barb. Rodr.)

Porto & Brade

Encyclia gravida (Lindl.) Schltr.

Trata-se de uma Enc. do México, citada em "Orchidaceae Brasilienses" Pabst como encontrada no Pará, mas sem informação de registro, o que impossibilita qualquer confirmação. Acho muito difícil que realmente possa ser encontrada no Brasil, portanto eu a desqualifico.

Encyclia hoenei (Hawkes) Pabst. Trata-se de uma Enc. do subgênero *Osmophytum* erroneamente classificado como subgênero *Encyclia*.

Encyclia huebneri Schltr. . Espécie de difícil reconhecimento. Como não se tem nem o desenho, nem o "typus", destruído durante a Segunda guerra mundial, somos obrigados a conjecturar sobre a descrição, local da coleta, floração, etc., mas a dúvida permanece. Na descrição, relata-se que é proveniente de campina (vegetação rala da Amazônia), lugar onde se encontra muita Enc. granítica (Lindl.) Schltr., é frequentemente rupícola, porém também, algumas vezes, é encontrada epífita. Na descrição, o rizoma é considerado curto, porém cita o diâmetro deste de 7 mm, logo se dá para medir, logo não é tão curto (Enc. granítica possui rizoma); o pseudobulbo subfusiforme-cilíndrico corresponde a de Enc. granítica, também os componentes florais, mas a pouca quantidade de flores diverge de Enc. granítica, salvo se o exemplar não floresceu adequadamente devido ter sofrido com as mudanças ou condições climáticas adversas de floração.

Encyclia ionosma (Lindl.) Schltr. Outra espécie do Caribe até as Guianas, citada por Pabst "Orchidaceae Brasilienses", como também encontrada no Amapá e Pará.

Encyclia longifolia (Barb. Rodr.) Schltr.

. Depois de muita análise de vários espécimes provenientes de várias regiões do Brasil, conclui ser esta nada mais que Enc. oncidíoides. A variabilidade é muito grande,

porém certas características permanecem constantes, o porte da planta, relação haste floral/folhas com panículas em alguns exemplares bastante grandes, mesmo tipo de coluna (não quanto ao tamanho que pode variar), labelo com relação lobo mediano-laterais mantendo mesma correlação (não quanto ao tamanho que pode variar), mesma época de floração e sempre perfumadas.

Encyclia mapueræ Huber. Enc. da Amazônia coletada perto de Belém do Pará para a qual seria necessário uma análise do "typus", entretanto com as informações constantes da descrição podemos supor que talvez se trate de Enc. tarumana Schltr.

Encyclia megalantha (Barb. Rodr.)

Porto & Brade . Orquídea com área de dispersão que vai do sul de Minas até o Estado de Pernambuco, variando bastante em tamanho e forma de suas flores. Os lobos laterais do labelo da planta "typus" é bem mais estreito do que as formas das espécies dos Estados da Bahia e de Alagoas, as pétalas são também mais arredondadas, mas isto não justifica a separação em outra espécie, visto que outras características como coluna, porte, haste floral, distribuição das flores na haste, relação lobos laterais e mediano, época de floração e outros permanecem os mesmos. A planta que serviu de "typus" para a descrição é proveniente de Barbacena (MG), característica esta também dos exemplares encontrados nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, embora alguns exemplares deste último já se apresentem como aqueles da Bahia e Alagoas. A perda do "typus", associada ao desaparecimento durante muito tempo dos desenhos originais, acrescido do fato da falta de um estudo de exemplares de várias regiões ocasionou a redescrições desta espécie.

Sinonímia:

Epidendrum glutinosum Scheidw.

Epidendrum carpatianum l. Lindl.

Encyclia hollandiae Fowl.

Encyclia latipetala (Schweinf.) . Enc. descrita inicialmente para a Guiana, rupícola,

de tamanho médio, pseudobulbos de 2,5 cm, folhas de 15 cm de comprimento por até 2,7 cm de largura, haste relativamente longa 43 cm, poucas flores (até 4 flores), relativamente grandes para o gênero, segmentos florais verde esmaçado de castanho esverdeado, labelo branco com estrias púrpura escuro. Trata-se de uma *Encyclia* muito particular, citada para o Brasil (PA) por Pabst.

Encyclia odoratissima (Lindl.) Schltr. . Hoje todos concordam ser esta sinônima de *Enc. patens* Hook.

Encyclia oncidoides (Lindl.) Schltr. . *Encyclia* com ampla área de dispersão, estendendo-se desde o litoral sul do Brasil até o Estado do Ceará, entrando no interior dos Estados do Espírito Santo e Bahia. Planta de porte grande, folhas compridas, haste floral imensa, podendo chegar a mais de 1 metro com mais de 100 flores, muito perfumada, sendo, frequentemente, encontrada em flor nas exposições de orquídea nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Sinônima:

Encyclia longifolia (Barb. Rodr.) Porto & Brade

Encyclia oxyphila Schltr. . *Encyclia* da região Amazônica de difícil determinação, visto tratar-se de espécie sem desenho e cujo "typus" foi destruído na segunda guerra mundial. Pela descrição trata-se de espécie com pseudobulbos pequenos (5 a 6 cm de altura por 1- 1,3 cm de espessura), folhas de 42 - 46 cm de comprimento por 0,7 - 1,0 cm de largura, haste floral menor que as folhas, flor pequena, coluna com aletas laterais, tudo isto, faz pensar que talvez poderia tratar-se de *Enc. cyperifolia*, porém o lobo mediano do labelo difere completamente desta, é dado como tendo 1,1 cm de comprimento por 0,6 cm de largura, enquanto *Enc. cyperifolia* tem este mais largo que comprido.

Encyclia pauciflora (Barb. Rodr.) Porto & Brade . *Encyclia* de fácil reconhecimento, dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.

Planta de porte pequeno, poucas flores, lobo mediano quadrático todo estriado de vermelho, pétalas e sépalas marrom com extremidade recurvadas para trás.

Sinônímia:

Encyclia dutrai Pabst

Encyclia randii (Barb. Rodr.) Porto & Brade . *Encyclia* entre as maiores do gênero, da Região Amazônica, que não necessita de maiores comentários.

Encyclia rufa (Lindl.) Brit. & Millsp. *Encyclia* coletada no Rio de Janeiro em 1842 e descrita em 1845, planta de porte pequeno, haste floral de 2,5 a 3 vezes o comprimento das folhas, panícula pequena, pétalas e sépalas verdes ligeiramente onduladas com extremidade recurvada, labelo com lobos laterais pequenos e lobo mediano um pouco dobrado lateralmente da base central e de comprimento, o dobro da largura. Esta descrição se encaixa perfeitamente com as características de *Encyclia pauciflora*, faltando para confirmação o exame do "typus" no Herbário de Kew.

Encyclia tarumana Schltr. . Outra *Encyclia* da Amazônia, frequentemente encontrada na região de Campina, crescendo no solo onde forma grandes touceiras,

planta de tamanho médio, pétalas e sépalas de fundo verde e 2/3 da superfície acastanhada, lobos laterais do labelo triangulares com estrias púrpura, o mediano circular, branco com estrias púrpura.

Encyclia vellozoana Pabst. . Na realidade, trata-se do *Epidendrum ensiformis* de Velloso, erroneamente, classificada por Pabst, renomeada por Hoehne como *Encyclia ensiformis* (Vell.) Hoehne e, conforme explicado na renomeação de *Enc. cyperifolia* (C. Schweinf.) Carnevali & I. Ramírez.

Encyclia ensiformis (Vell.) Hoehne. Da prancha (tab. 2) onde se vê o desenho ilustrado por Vellozo, observa-se que na realidade a haste floral e a flor em destaque não se tratam de uma *Encyclia* mas de um *Oncidium*, talvez a parte correspondente ao pseudobulbo e as folhas possam sê-los, pois

a haste floral emerge do ápice do pseudo-bulbo, de modo que o mais correto seria desclassificar esta espécie.

Sinonímia:

Encyclia vellozoana Pabst

Encyclia tripartita (Vell.) Hoehne.

Planta descrita por Vellozo, em 1827, cuja melhor informação é uma prancha com um desenho da mesma sem maiores detalhes dos componentes florais, impossibilitando sua adequada interpretação. pelo desenho conclui-se ser, planta pequena, pseudobulbos agregados, haste floral curta representada com 3 flores, coluna com aurículas. Pode ser muita coisa até mesmo uma espécie não conhecida que se extinguiu.

Sinonímia:

Encyclia vellozoana Pabst

Encyclia viridiflora Hook. . Certa-

mente, um erro de informação de localidade. Não deve ser planta brasileira.

Encyclia yauaperiensis (Barb. Rodr.)

Porto & Brade. Outra *Encyclia* da Amazônia que tem como característica principal o lobo mediano do labelo com o comprimento cerca 3 vezes a largura, com apículo na extremidade. Pétalas e sépalas verde acastanhadas com labelo branco, os laterais com estrias púrpura na base.

Da relação supra relacionada, ficou faltando discutir sobre 4 *Encyclias* não

relacionada por Pabst em "Orchidaceae Brasilienses".

Encyclia cyperifolia (C. Schweinf.)

Carnevali & I. Ramírez. Já feitos os comentários em *Enc. ensiformis* (Ruiz & Pavón) Mansf.

Sinonímia:

Encyclia ensiformis (Ruiz & Pavón)

Mansf.

Encyclia flava (Lindl.) Porto & Brade.

Citada para o Estado de São Paulo, fornecendo muito poucos elementos na sua descrição que permitam identificar a espécie, permitindo afirmar que corresponde a uma planta com algumas das seguintes características: porte pequeno, poucas flores, folhas pouco mais de 33 cm, flor de aproximadamente 3,6 cm, haste com ramificação na base, lobo mediano do labelo ovalado.

Duas espécies poderiam corresponder a descrição, *Enc. patens* muito comum nas cercanias da cidade de S.Paulo e Vale do Paraíba, espécie descrita por J. Lindley como *Enc. odoratissima*, portanto já de seu conhecimento, sendo uma redescisão pouco provável em vista a sua capacidade de distinção muito apurada; outra seria *Enc. euosma* que poderia se encaixar, acrescentando o fato de ser amarela como o próprio nome faz menção. Só uma análise do "typus" poderia talvez aclarar esta dúvida.

Encyclia granitica (Lindl.) Schltr. .

Orquídea da região Amazônica, encontrada vicejando sobre o solo em formação de Campina. Planta, facilmente identificável pelo aspecto ascendente, rizoma longo, pseudobulbos trifoliados, fusiformes, folhas eretas, haste floral paniculada, intensamente multiflora, flores verdes com sépalas e pétalas pintalgadas de castanho, labelo branco com poucas estrias púrpuras.

Encyclia patens Hook. *Encyclia* com

ampla área de dispersão, encontrada desde o Estado do Rio Grande do Sul até a região dos gerais na Chapada Diamantina no Estado da Bahia, passando pelos Estados de Santa



Encyclia cyperifolia

Marcos Antonio Campacci

Catarina, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. É encontrada sobretudo em região de altitude de clima mais úmido. Planta facilmente reconhecível, de porte médio a grande, folhas de tamanho médio, largas, inflorescência curta paniculada desde a base junto as folhas, apresentando aspecto de “árvore de natal”, não costuma ultrapassar em muito o comprimento das flores, flores de tamanho médio de 3 - 3,5 cm, pétalas e sépalas de verdes a castanho escuro, lobo mediano do labelo ligulado com estrias escuras junto a base, quando esplanados o dobro do mediano, o mediano suborbicular de cor creme com algumas estrias púrpuras. Floresce geralmente no inverno, meses de junho, julho e agosto. *Encyclia* bem conhecida dos orquidófilos da região sul e sudeste do Brasil, facilmente vista nas exposições de orquídeas.

Sinonímia:

Encyclia odoratissima (Lindl.) Schltr.

Encyclia serroniana (Barb. Rodr.)

Hoehne

Durante o período de confecção de “Orchidaceae Brasilienses” Pabst ainda descreveu mais 6 espécies, que serão tratadas na Parte 2, que será publicada no próximo número.



Encyclia yauapertensis

Marcos Antonio Campacci

(*) Rua Vicente Galafassi, 459
09770-480, São Bernardo do Campo, SP



Encyclia xerophytica

Marcos Antonio Campacci



Encyclia ivonae

Marcos Antonio Campacci

Sobre o Controle de Pragas e Doenças nas Orquídeas

Prevenção é o melhor meio de manter suas orquídeas sadias

Aaron J. Hicks (*)

(trad. Raimundo Mesquita)

Desde que os primeiros exploradores começaram a trazer orquídeas dos trópicos, os cultivadores tem dedicado inúmeras horas a prevenção, tratamento e controle das pragas associadas a essas plantas, assim como dos patógenos e doenças com elas relacionadas. Vivendo como lhe permitiam as condições ambientes, as orquídeas tropicais epífitas evoluíram para vegetar sob certas possibilidades de ventilação, umidade e luz, que tentamos reproduzir nos nossos cultivos em estufa, interiores e janelas de residências. É debaixo dessas condições artificiais que a planta se torna hospedeira das variadas doenças que podem afligir estes nossos valiosos patrimônios. Na mata, infecções por fungos e bactérias são raras e infestações de insetos são virtualmente desconhecidas. Posto que nós trouxemos essas espécies tropicais para vegetar sob condições artificiais, devemos estar preparados para enfrentar circunstâncias tão negativas.

A solução óbvia é a otimização das condições de cultivo: uma planta robusta tem melhores condições de resistir aos agressores do que uma enfraquecida. Uma planta adoentada e amarelecida atrai insetos sugadores mais facilmente do que outra vigorosamente verde e robusta. Deve observar-se que esses sugadores são vetores para disseminação de viroses. Sempre que plantas

robustas são submetidas a controles biológicos em maior escala do que a aplicação de produtos químicos, muitos dos problemas que ocorrem nos cultivos podem ser circunscritos.

O que é natural na orquídea

Circulação de ar inadequada pode causar infecções fúngicas ou bacterianas nas orquídeas que são ocasionadas por água que fica estagnada nas folhas ou nas coroas das plantas. É por isso que muitos cultivadores regam pela manhã, bem cedo dando bastante tempo para que o excesso de água evapore antes do cair da tarde. Muitos acreditam que a água saída das torneiras satisfaz às necessidades das plantas. Mas é bom saber que a água das cidades ou água tratada pode ser danosa às plantas quando aplicada por demorados períodos. É bom conversar com outros cultivadores para saber se eles tem tido problemas. Contate com empresa de águas da sua cidade para saber se a água por ela servida se presta ao cultivo de plantas de interior. Ou então mande proceder a uma análise de laboratório.

A água urbana contém, por vezes, grandes concentrações de carbonatos de cálcio e magnésio, assim como sulfatos, como pode ser comprovado pelo depósito, nas folhas e no substrato, de uma crosta formada pelos resíduos. Embora algumas espécies

litorâneas possam tolerar água clorada, muitas orquídeas sofrem com a formação de sais minerais que resultam do seu uso. Outros sólidos dissolvidos e sais compõem o problema, causando apodrecimento das raízes. Alguns cultivadores negam que cloro e fluoreto de sódio dissolvidos causem problemas a plantas saudáveis e bem estabelecidas.

Outros cultivadores usam métodos de purificação para melhorar a qualidade da água. Distilação (DI) é grande consumidora de energia, mas remove praticamente todas as impurezas e, com um filtro de carvão ativado, elimina qualquer matéria orgânica em suspensão que normalmente são ocasionadas pelo processo de destilação.

Osmose reversa (OR) remove muitas impurezas mas desperdiça muita água e forma uma membrana no sistema que precisa, por isso, ser trocado periodicamente. Filtros de carvão removem matéria orgânica em suspensão e cloro, mas não reduzem a quantidade de outros sais. Redutores de carbonatos utilizam uma coluna para troca iônica que substituem os carbonatos por sais, embora estes não sejam recomendados para orquídeas. Alguns cultivadores que vivem em áreas de pequena poluição atmosférica coletam água de chuva ou neve para regar as suas plantas.

Um método que pode ser utilizado em áreas com alto grau de sólidos dissolvidos é fazer regas muito vigorosas, ou fazer, periodicamente, uma rega com sal de epsom (sulfato de magnésio) dissolvido, para remover os depósitos de carbonatos.

Nutrição

As orquídeas, na natureza, são minimalistas, subsistindo com dejetos de pássaros, água das chuvas ou da decomposição de pedaços de casca de árvore e terço de folhas. A taxa de crescimento das espécies epífitas na mata é em geral baixa. Quando

aplicadas doses maiores de nutrientes e de água as orquídeas se desenvolvem e atingem a maturidade numa fração do tempo que elas demandariam para crescerem e florirem naturalmente. Ao longo de sua evolução as orquídeas desenvolveram algumas particularidades altamente especializadas, tais como raízes com velame para absorver água de forma mais eficiente, ou, ainda, um modo fotossintético que trabalha eficientemente com quantidades mínimas de água. Pequenas quantidades de nutrientes lhe bastam para atingir o crescimento desejado.

Fertilizantes artificiais saturam rapidamente a capacidade de absorção da maioria das orquídeas epífitas, resultando em queima das raízes pelo acúmulo de sais minerais. Fertilizantes diluídos a um quarto da dose recomendada no rótulo e suplementos de micronutrientes e vitaminas devem ser aplicados quando as plantas estiverem em crescimento ativo. É bom praticar o antigo adágio: fertilizar fracamente, semanalmente (NT, o autor utiliza aqui um jogo de palavras bem conhecido dos cultivadores de língua inglesa, mas que é intraduzível, embora o sentido seja o que captamos).

Pragas e Pesticidas.



Flor atacada por lesmas, apresentando, também sintomas de vírus (vejam as áreas necrosadas nas pétalas)

Foto: R. Mesquita

Uma regra básica é que não se deve, em nenhuma circunstância, desobedecer às recomendações da bula de um pesticida, fungicida ou de outro agente aplicado a plantas. Antes de serem liberados para determinadas aplicações, os pesticidas são submetidos a testes rigorosos. A maioria desses agentes destinados a orquídeas não se adequam a uso doméstico, nem são feitos para orquídeas cultivadas em interior, ou mesmo para estufas próximas ou vizinhas a residências.

Muitos pesticidas afetam os nervos; mas sua toxidez só é percebida ao atingir níveis letais. O fato é que sintomas de intoxicação só aparecem num estágio em que a situação já é grave. Muitos desses pesticidas são, também, danosos para as plantas quando aplicados em doses mais fortes do que as recomendadas nas prescrições dos rótulos. De outro lado, quando aplicados em dosagens inferiores às recomendadas, não produzem o efeito desejado de eliminação de pragas. Qualquer pesticida, independentemente de seu potencial de ação ou do que conste na sua bula, pode virtualmente afetar uma planta. Condições como temperatura, luz, composição química da água e outras circunstâncias inespecíficas podem levar os pesticidas a atuarem nocivamente.

Alguns grupos de insetos desenvolvem resistência a determinados pesticidas. Insetos são capazes de se adaptarem e se desenvol-



Folha apresentando marcas de ataque de tentecoris

Foto: R. Mesquita

verem rapidamente. O resultado é que as aplicações impróprias ou repetidas podem fazer com que as pragas fiquem imunes. Aplicação inadequada é a maior causa do problema; se aspergimos 10.000 insetos com 50% da dosagem recomendada no rótulo, ou se algo se perdeu é de prever que mais insetos sobreviverão do que seria de prever, caso a aplicação tivesse a precisão recomendada. Os insetos que tivessem sobrevivido se reproduziriam e sofreriam nova aplicação. Dessa vez mais sobrevivem devido à adaptação ao produto químico usado. Isto pode acontecer com produtos químicos,

tanto quanto como pelo uso de elementos para controle biológico (BT, ou *Bacillus thuringiensis*, aplicado em lagartas ou assemelhados, por exemplo).

Obedeça estritamente às recomendações do rótulo assim como toda e qualquer outra recomendação que acompanhe. Sempre use luvas, máscara e outros meios de proteção compatíveis com os materiais que estejam sendo aplicados. Tome um banho demorado depois de cada aplicação.

Um produto químico pode nos afetar, penetrando no nosso organismo, de quatro modos: oralmente, pela pele, por inalação e injeção.

O modo oral envolve a ingestão, seja direta ou indireta, de um material tóxico. A maneira indireta pode ocorrer em consequência de uma ingestão acidental de material



Foto: R. Mesquita

Vanda apresentando manchas de queimadura por óleo mineral, usado para combater cochonilhas.

contaminado. Por exemplo, se se come um sanduíche depois de ele ter sido tocado por mãos contaminadas, pode ocorrer uma intoxicação indireta.

A pele permite, também, absorção de produtos químicos. Muitos materiais podem ser absorvidos através da pele, frequentemente com rápidos e fatais resultados. Como pela boca a absorção pode ser direta ou indireta. Pegar, por exemplo, um par de luvas contaminadas, pode significar absorção de um produto químico.

Inalação é a absorção de gases através das narinas. A contaminação pode dar-se seja pela exposição ao gás, aerossóis ou suspensões de sais. Intoxicação ou morte podem

ser ocasionadas pelas propriedades tóxicas de produtos químicos, que frequentemente não tem cheiro, nem cor e que podem matar inadvertidamente.

A injeção envolve a ruptura da barreira da pele. Pode ocorrer através de qualquer ferimento lacerante. Venenos não devem ser manipulados por alguém que tenha uma ferida aberta e precauções devem ser adotadas para evitar ferimentos por instrumentos de trabalho ou por pontas de arame existentes nas estufas ou locais de cultivo.

Insetos

Os males à orquídea ocorrem de

muitas formas. O mais comum deles são os insetos que, no geral, são divididos em dois tipos: sugadores (como cochonilhas e afídios) e mastigadores (como lesmas).

Pragas são mais fáceis de prevenir do que curar. A melhor prevenção inclui a higiene geral da planta: mantenha limpas as suas plantas. Mantenha as folhas livres de poeira (folhas sujas são espaço para desenvolvimento de cochonilhas e pulgões); faça uma ducha em suas plantas ou esfregue-as com uma esponja úmida, ou, mesmo, com uma toalha de papel. Remova bainhas velhas, mortas ou secas. Cochonilhas e pulgões costumam esconder-se no espaço entre a bainha fibrosa e os pseudobulbos. Recolha as flores secas que caíram da planta, assim como as folhas mortas que se acumulam nas

bancadas ou no chão da estufa. Ambas oferecem esconderijos adequados para lesmas e tatuzinhos, tornando-se, ainda, reservatórios de fungos.

Continua no próximo número

() Aaron J. Hicks é estudante graduado e químico analítico. Mantém e dirige o Projeto Banco de Sementes para troca de sementes de orquídeas nativas com finalidades preservacionistas. O texto que se publica e continua no próximo número, teve sua tradução e publicação autorizadas pelo autor e, originalmente, foi publicado em ORCHIDS, The Magazine of the American Orchid Society, no número de março de 1998.*

O endereço do autor e, também do projeto que dirige (para os que queiram remeter-lhe sementes de espécies brasileiras) é: PO Box: 1873, Socorro, New Mexico 87801, Estados Unidos da América e seu endereço eletrônico, e-mail: ahicks@rt66.com

12 Dicas de Segurança que você pode praticar

Tenha anotado o n.º de telefone do hospital ou centro de saúde mais próximos de você que atendam a emergências de envenenamento.

Procure identificar e entender o problema antes de tentar aplicar uma solução

Inclua na sua Biblioteca sobre orquídeas um exemplar do livro "Orchid Pests and Diseases" publicado pela AOS (já existe versão em espanhol)

Procure aprender o mais que puder sobre os pesticidas que você usa, conversando, inclusive, com outros orquidófilos ou comerciantes de orquídeas para saber como enfrentaram problemas semelhantes.

Aplique produtos químicos na concentração correta indicada no rótulo

Leve as plantas que são cultivadas dentro de casa ou sob luzes para fora de casa e para local bem ventilado, antes de fazer qualquer aplicação

Use roupas apropriadas para proteger-se de contatos indesejáveis com partículas ou resíduos deixados na aspersão

Ventile a área para evitar que os gazes permaneçam muito tempo no local da aplicação, constituindo assim uma ameaça à sua segurança

Sinalize o local em que você aplicou venenos. Registre, também, quando será seguro permanecer no local

Guarde os pesticidas em local seco e seguro, fora do alcance de crianças e animais domésticos

Descarte as embalagens e frascos que contiveram pesticidas e venenos em locais seguros e com observância das exigências sanitárias

Repita a aplicação, se necessário, nas doses corretas para eliminar larvas e ovos e reduzir a possibilidade de desenvolvimento de pragas resistentes ao controle

Resposta à pesquisa sobre Orquidário e premiação. Nova pesquisa.

Venceu o sorteio, realizado na 2ª reunião mensal da OrquidaRIO, a 28.05.98, a sócia Maria Ignácia Fonseca Malheiro, SCo-762, de Brasília, DF, que já deve ter recebido o album de gravuras de Samuel Salvado, que foi o prêmio escolhido para brindar os sócios que respondessem à pesquisa "Opine sobre sua Revista", distribuída junto com a revista nº4 do Volume 11, outubro a dezembro, do ano passado.

Como todos devem ter percebido a finalidade daquele questionário era obter a avaliação dos nossos leitores sobre Orquidário, para reorientar editorialmente a nossa principal publicação e, sobretudo, saber o que dela esperam os nossos sócios, agora que nos preparamos para trocar de Editor.

O resultado foi alentador para a linha editorial que temos seguido, postas as conhecidas limitações orçamentárias com que permanentemente luta a nossa sociedade, tal como destacou o nosso Presidente, em mensagem transmitida no número passado.

Apresentamos os gráficos que resumem e espelham o maior número das observações e dos interesses externados pelos sócios, vontade que irá, sem dúvida, reger o trabalho de editoria da revista.

A pesquisa nos permitiu descobrir coisas interessantíssimas, como saber, por exemplo, que somos lidos, em média, por 3 pessoas para cada exemplar da revista, ou, ainda, que a grande maioria dos nossos sócios tem problemas de cultivo e luta com pragas e doenças (o que já fez com que, neste número, estejamos iniciando a publicação de artigo de Aaron J. Hicks sobre o assunto).

É importante dizer, ainda, que não vamos nos limitar aos elogios, nem

considerar que atingimos a perfeição, pois temos consciência de que estamos muito longe disso.

Serão levadas na devida consideração as observações críticas, mesmo naqueles casos em que foi uma única e, por vezes, ácida observação, como a daquele sócio que escreveu que lê Orquidário por que não tem outra revista melhor para ler... Ou daquele outro que considerou superado o lay-out da revista...

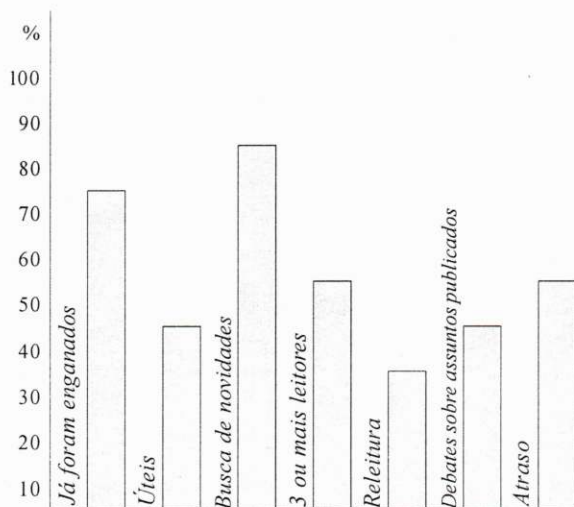
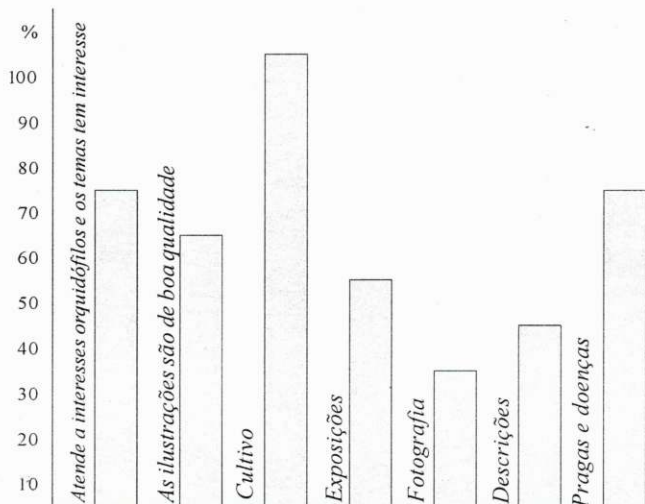
Se formos capazes de fazer uma publicação periódica mais bonita ou mais atual e de despertar, também, o interesse desses dois leitores e mudar, assim, sua opinião estamos certos de que teremos feito uma publicação melhor para todos os sócios.

A pesquisa contribuiu, ainda, para trazer-nos idéias sobre temas a serem abordados em artigos próximos:

- noções sobre a pronúncia dos nomes botânicos dos gêneros, das espécies e dos híbridos;
- adoção de uma seção permanente de orientação didática, do tipo "passo a passo";
- voltar a tratar de geografia das orquídeas do Brasil, dando ênfase a habitats e gêneros e espécies ocorrentes nas diversas regiões do Brasil;
- mapeamento das orquídeas no Brasil;
- indicar a cada número a floração do período.

Valeu, também, pela cobrança de providências a serem adotadas na parte editorial ou administrativa da OrquidaRIO, como, por exemplo:

- mais cuidado e rigor na revisão dos textos e mais seletividade nas matérias;
- reiteiradas observações sobre os últimos e recentes atrasos na publicação e distribuição de Orquidário;



- inexistência de uma forma de cobrança que possa facilitar aos sócios o pagamento de suas anuidades;
- a necessidade da instituição, na sociedade ou na revista da figura do Ombudsman, essa espécie de representante permanente dos interesses dos sócios.

♦ desaparecimento de Pulchra;

Neste número estamos divulgando uma nova pesquisa, esta, também, da maior importância, pois objetiva conhecer, identificar e levantar o Brasil Orquidófilo, este grande desconhecido, pois ninguém, neste País, é capaz de responder a perguntas assim:

quantos somos?

quem somos?

quantos brasileiros comerciam com orquídeas?

qual a distribuição geográfica da orquidofilia brasileira?

quais e quantas são as sociedades orquidófilas brasileiras?...

Esperamos poder contar mais uma vez com a ajuda dos nossos sócios e leitores, pois o conhecimento da nossa realidade orquidófila é o que nos permitirá nos relacionarmos melhor, para uma orquidofilia maior e mais pujante. E, dessa vez, teremos também um prêmio, a ser sorteado entre os que responderem: 1 exemplar do livro "Orquídeas da Amazônia Brasileira", um belo e importante livro que foi editado pela Ed. EXPED em parceria com a

OrchiRio e é um expressivo exercício de geografia de orquídeas, tema que como se viu acima é exigência dos nossos sócios.

Temos que ter presente que é da maior importância que nos conheçamos, sobretudo, agora, que começamos a nos preparar para um Mercossul orquidófilo.

Raimundo Mesquita

O BRASIL ORQUIDÓFILO

A OrquidaRIO e a Sociedade Brasileira de Orquidófilos-SBO querem proceder a um levantamento o mais completo possível de Orquidófilos, Sociedades e Comerciantes brasileiros de orquídeas e conhecer como se distribuem por todo o território nacional.

Para que se possa ter êxito neste primeiro levantamento há necessidade da colaboração de todos os orquidófilos, amadores, cultivadores, produtores, enfim de todas as pessoas que lidam com orquídeas no país.

Sabemos que é um projeto ambicioso e difícil de ser executado, mas ele precisa ser executado, para que se possa ter um mapeamento o mais completo possível do **BRASIL ORQUIDÓFILO**.

Já temos um banco de dados com um primeiro levantamento que, em breve, será publicado. Mas temos plena consciência de que ele ainda é incompleto e insatisfatório.

Concluída a pesquisa teremos um mapeamento da orquidofilia brasileira e um retrato bem próximo do real de tudo que se faz em orquídeas no Brasil, inclusive com números.

Parece óbvio que tudo isto é do maior interesse para os orquidófilos brasileiros, assim como para os produtores e comerciantes de orquídeas e produtos conexos. Os orquidófilos se conhecerão e saberão quem vende o que. Os comerciantes conhecerão o seu público potencial.

Pedimos, por tudo isto, que, todos, nos ajudem, respondendo, disseminando e divulgando o questionário a seguir:

Nome da sociedade orquidófila, do orquidófilo, ou do produtor/comerciante:

Endereço:

Número de Sócios (para ser respondido somente pelas sociedades):

Realiza exposições? Quantas por ano? Participa de outras exposições no seu estado? E fora do seu estado?

Tem preferência ou especializou-se em algum gênero ou espécie em particular? Qual?

Onde cultiva: Serra? ☐

Nível do Mar? ☐

Para os comerciantes, somente:

- 1) Nome de fantasia:
- 2) Trabalha com espécies ou híbridos? ☐
Ambos? ☐
- 3) Tem alguma especialização em gêneros ou espécies? ☐ Quais ?
- 4) Seu estoque de plantas está :
 - a) em menos de 1000 plantas ☐
 - b) entre 1000 e 10.000 plantas ☐
 - c) entre 10.000 e 100.000 plantas ☐
 - d) entre 100.000 e 200.000 plantas ☐
 - e) acima de 200.000 plantas. ☐

Sementeira dos Sócios

À

Orquidário

Aos cuidados do seu competente editor

Sr. Raimundo Mesquita

Prezado Senhor:

Sou um novo orquidófilo, que começou a desenvolver o gosto pelas orquídeas no final de 1996. Em 1997 tive que mudar de residência para um apartamento o que veio a dificultar meu desenvolvimento com maior eficácia nesta área. Mas no final do ano passado em 1997 consegui de minha mãe um pequeno local, com a estrutura para sombrite, de 6 m x 4 m na cidade de Cachoeira do Sul, no centro de nosso estado, distante 200 km de Porto Alegre, onde estou cultivando umas 80 orquídeas.

Até por conhecermos pouco, bem como, pela dificuldade em estar acompanhando diariamente, estamos indo um pouco devagar. Mas esta aventura é sensacional. Assim é, que quando recebemos uma nova revista tanto da Orquidário, como da CAOB que o sr. recomendou em um de seus artigos, logo ficamos cheios de alegria e curiosidade para vermos quais são as novidades. Aliás, a última CAOB possui um artigo sobre *Cattleya nobilior* que é um primor de trabalho.

Mas a finalidade desta correspondência é para parabenizá-lo pela excelente iniciativa desenvolvida na revista 11/3, na qual constam três reportagens manifestamente excelentes com os cultivadores, tal como dito na p. 65 ao comentar o conteúdo daquela revista.

Este trabalho que é de tamanha importância para os iniciantes como eu, certamente que não será de menor menor valia para uma pessoa experimentada, pois receber informações, dicas, enfim, de outros cultivadores, é como se nós de Porto Alegre pudéssemos estar conversando com o Sérgio Barani em São Paulo, ou com o Flávio Cardim no Rio, enfim, não há limites para a troca de informações!!! É fantástico!!! Desde que, é claro, o informante seja sério e se dirponha, efetivamente, a abrir mão dos seus segredos, não querendo guardar o que adquiriu de conhecimento para revelá-lo aos bichos que o comerão no caixão...

A inidativa, torno a dizer, para mim,

foi fantástica. Tanto que, confesso, que fiquei frustrado ao ver o nº 11/4 e não ter encontrado tal espécie de artigo. Mas, é claro, fomos brindados de uma só vez com três deles, pelo que ficou tudo recompensado, pelo menos por ora!

Aceite meus humildes cumprimentos pelo seu trabalho, pois embora eu não o conheça pessoalmente, só pelos seus trabalhos na revista já me deram a segurança de estar tratando com pessoa séria e honesta, dedicado a este trabalho que desenvolve. Aliás, é uma pena que o sr. esteja se retirando das funções de editor da revista, espero que seja só da editoria, mas que continue contribuindo para que nós os principiantes possamos continuar bebendo de seus conhecimentos e ensinamentos, transmitidos de forma sábia.

Abraços

João Diógenes Quadros

"Prezados Senhores:

(...)

Outrossim, permitimo-nos de manifestar nossa estranheza sobre parte do artigo publicado à pagina 16, onde o sr. Raimundo Mesquita (cujo endereço não temos) menciona vários orquidários COMERCIAIS como sendo os mais tradicionais, OMITINDO o Orquidário Catarinense que existe desde 1906!!!! Quando todos os outros, exceto o Orquidário Binot, AINDA NÃO EXISTIAM...

Porque?????

Mui atentiosamente

Com. Alvim Seidel

Acho que você não leu com a necessária atenção o meu texto introdutório à entrevista com Antonio Schmidt, na página 16. Em *nenhum* momento eu disse que aqueles são os orquidários comerciais "mais tradicionais". Fiz referência ao Binot como o mais antigo (o que você não contesta) e quanto aos outros disse que são ou foram referência e têm importância para a história orquidófila brasileira. O fato de não ter feito referência ao seu Orquidário Catarinense Ltda. em nada o desmerece. Simplesmente não tive o propósito de ser exaustivo. Neste número, aliás, estamos iniciando uma pesquisa sobre o Brasil Orquidófilo que é importante que você responda, como, aliás, todos os brasileiros que amam ou comerciam com orquídeas.

Raimundo Mesquita



BOM, BONITO E OUTLET.

O Nova América não é um shopping barato. Até porque, de barato já basta o conserto que fizeram no seu carro, o vinho que serviram naquela festinha do escritório e o perfume da sua vizinha fofoqueira. Não, o Nova América não é barato. O Nova América é outlet. A diferença? Qualidade. Aqui, pagar pouco não é desculpa para não vender as melhores marcas e produtos do Brasil. Isto não é promessa. É contrato. Quem abre uma loja no Nova América assina um documento, comprometendo-se a vender seus produtos por preços abaixo do mercado. Quem faria um negócio destes? Levi's, Sandpiper Off, Hiper Casa & Vídeo, Vila Romana, Renner & Vicunha, Cia das Marcas by Maria Bonita, No Tag Folic e Mark Store Chocolate Loft. Enfim, estas e as melhores marcas do Brasil, por um preço muito, digamos, outlet.